

ARTIGOS





DIÁLOGOS FOTOGRÁFICOS DE UM CORPO

Lucia Castanho Barros Rampini*

Resumo – A *performance* nos dias atuais se renova e se distancia da sua condição de fugacidade por meio da fotografia. É o resultado de uma ação realizada por um artista, com presença de público ou não, e que não serve apenas como registro de um ato e, sim, como obra, com todas as características necessárias que lhe conferem esse caráter. No presente artigo, busco uma relação entre as séries de fotos: *Silhuetas*, de Ana Mendieta, e *Hundred little deaths*, de Janaina Tschäpe, com o objetivo de realizar uma análise da poética de apropriação do solo de cada uma dessas artistas. Os motivos que as levaram a executar esse trabalho são diferentes, mas partem da mesma essência: a perda. Mostraremos aqui o diálogo entre elas e suas obras.

Palavras-chave: *performance*, morte, arte contemporânea, Ana Mendieta, Janaina Tschäpe.

A *performance* é um ato realizado por artistas plásticos desde a década de 1960 com o objetivo de dirigir a criação artística para lugares até então incomuns para o artista que desafia a arte e o cotidiano: o espaço público, a cidade ou mesmo as galerias de arte.

A *performance* arte hoje constitui uma linguagem aplicada nas Artes, cujas características formais estéticas e narrativas, construídas sobre recursos e situações físicas pretendem, entre outras coisas, reordenar a relação espacial temporal da obra com respeito ao observador (LABRA, 2005, p. 64).

Ela também avançou por outros caminhos e, na década de 1960, se caracterizava por ações nas quais o artista organizava um roteiro, com atos preestabelecidos, dirigidos a um público determinado, dentro de uma galeria ou museu. As fotos que eram obtidas durante essa ação servem hoje como documento para a história e não como produto final a ser exposto e comercializado. Hoje, a *performance* é uma prática com objetivos que divergem daqueles praticados anteriormente, pois a ação pode ser solitária e iniciar com a produção

* Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Discente dos cursos de Arquitetura, Design e Design de Moda da Universidade de Sorocaba (Uniso).

de roupas, fantasias ou adereços; na construção de cenários, apresentada no próprio ateliê do artista ou em ação na natureza, como Janaina Tschäpe e Ana Mendieta. Sua finalidade é, agora, o registro fotográfico, que pode se transformar em uma instalação ou em ampliações expostas em museus e galerias.

A fotografia contemporânea abre muitas possibilidades para o artista, para o fotógrafo e para o artista fotógrafo. Ela possibilita novos rumos de produção, se desprende da rigidez inicial da técnica e lhe dá outras formas de criação de imagem. "Não foi o médium fotográfico que se infiltrou na arte, mas os artistas que se serviram dele para responder às suas necessidades artísticas próprias" (ROULLIÉ, 2009, p. 352). Segundo esse autor, a maioria dos fotógrafos ignora a arte contemporânea e os artistas, por sua vez, rejeitam a produção fotográfica. Podemos pensar a respeito e verificar essa questão da seguinte forma: o artista nem sempre fotografa, ele usa o meio para resultado da sua obra, mas não interessa a ele conhecer a técnica. Já o fotógrafo busca momentos em que o registro tem de ser preciso e exato, ele não manipula o espaço, nem o objeto em questão. São momentos que não se repetem e ele sabe disso, por isso utiliza um olhar puro e busca uma fotografia pura, pois é nela mesma que se deve encontrar a referência. O artista prepara toda a cena, o ato, e pode, ao não aprovar o resultado, repetir toda a *performance* e fotografar novamente, para ele não é a questão do momento preciso que interessa e sim o registro, o documento, e esse quanto mais manipulável, mais aberto a manifestações poéticas.

Então, podemos pensar que existe uma forma de utilizar o meio fotográfico nos dias de hoje, na qual não existe a preocupação de flagrar um instante, pois o efêmero já não tem mais interesse para o campo visual. O artista fotógrafo, por meio de um fazer, busca uma densidade poética próxima a ele: a família, o cotidiano, enfim, sua própria vida.

Ana Mendieta, artista cubana, faz do seu corpo receptáculo para a arte. Sua história da infância está inserida em suas obras, é marcada pela crise de identidade, é fragmentada, heterogênea, caracterizada por alguém que não pertence a nenhum lugar. Ela nos mostra, em sua obra, a crise entre a cultura que perdeu (cubana) e a cultura adotada (americana). Sua personalidade se renova a cada *performance*, em cada obra, e deixa a marca de um corpo feminino, corpo que faz a ligação entre as culturas americana e cubana. A artista coloca, em seu trabalho, processos rituais de transformação e destruição de sua identidade sexual, cultura e etnia.

Mendieta realizou uma obra fronteira, dividida entre dois territórios, ao se colocar no solo e se sentir parte dele, onde, declarava ela, iremos deitar nossos corpos um dia. Sua obra é um grito, um pedido de socorro.



Figura 1 Série *Silhueta*, Ana Mendieta.

Fonte: Viso (2008, p. 11).



Figura 2 Série *Silhueta*, Ana Mendieta.

Fonte: Viso (2008, p. 204).

Nas obras de Ana Mendieta,

[...] as imagens são capazes de usurpar a realidade porque antes de tudo, uma foto não é apenas uma imagem (como uma pintura é uma imagem), uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada, uma máscara mortuária" (SONTAG, 2004, p. 170).

Na série de Ana Mendieta ela decalca seu corpo na terra, na areia e deixa vestígios (figuras 1 e 2). A fotografia, ao mostrar esses vestígios, surpreende e avança, vai além da pintura e aguça a imaginação do indivíduo que a contempla, faz também pensar no porquê de sua prática nos dias de hoje. Ana Mendieta provoca, no espectador, a participação em seu sofrimento. Ela não usa metáforas para mostrar sua dor, ela usa o próprio corpo, marca o solo, morre tantas vezes quanto for necessário. Se, como diz Sontag, a foto é real e não apenas uma imagem, podemos entender sua importância para as poéticas visuais, para o artista que realiza *performance* e tem como objetivo exteriorizar sentimentos.

Janaina Tchépe nasceu na Alemanha, em 1973, e, com um ano de idade, veio com sua família para o Brasil. Retornou ao seu país natal para graduar-se e estudar arte. Após isso, retornou ao Brasil, fixou residência em Salvador e, ali, desenvolveu trabalhos tendo o corpo como objeto e a busca de sua fusão com a natureza. Antes de iniciar a série "*Hundred little deaths*", Janaina se viu em uma situação provocada pelo acaso e pelo inesperado. Seus trabalhos foram destruídos e tomados pelo mofo o que lhe provocou a decisão de sair pelo mundo e levar seu ateliê na mala, portando somente uma câmera fotográfica e materiais fáceis de serem transportados. Qual o significado do mofo naquele momento da vida da artista? O mofo, silenciosamente, tomou conta das suas obras e as destruiu. Perder irremediavelmente seus trabalhos, para aquele que os produziu, significou morrer. Significou não restar nada para lembrar.

Com esse objetivo, Janaina iniciou a produção da série em questão, saiu em busca de lugares no mundo onde gostaria de morrer, morre cem vezes e faz desse procedimento uma reflexão sobre a instabilidade do corpo no espaço e sua relação com outros países e continentes: "O espaço se relacionava tanto aos novos lugares em que eu vivia, quanto aos lugares que eu viria a conhecer... eu era realmente uma paisagem" (BOUSSO, 2006, p. 25).

A artista deita de bruços em salas vazias, casas, castelos, jardins, nas praias, campos, oceanos e pontes, a ousadia provoca o espectador a decidir: ela está dormindo, morta ou simplesmente brincando? Dentro dos ambientes diferentes, a única constante é sua forma prostrada, que convida a ficções de crimes. O artista torna-se sujeito e criador de todos os limites espaciais e temporais (figuras 3 e 4).



Figura 3 *Hundred littles deaths*, Janaina Tschape.

Fonte: Bousso (2006, p. 40).



Figura 4 *Hundred littles deaths*, Janaina Tschape.

Fonte: Bousso (2006, p. 41).

Existem alguns pontos em comum entre a série "Silhuetas" de Ana Mendieta e "*Hundred little deaths*" de Janaina Tchäpe, que devem ser apontados. O primeiro deles, e que nos levou a investigar melhor a obra dessas duas importantes artistas, é a necessidade de se deitar no solo de lugares determinados por si próprias e se integrar à natureza, fazer parte dela.

Mendieta trabalhou nessa série entre 1973 e 1980; foram mais de cem obras realizadas no México e em Iowa. A artista repete a silhueta do seu corpo no solo de diferentes lugares, em busca de sua terra, sua essência, onde seu ser, corpo e alma gostariam de e, segundo ela, deveriam viver, "costumo sair por aí até encontrar um lugar com o qual possa identificar-me" (LAGNADO; PEDROSA, 2006, p. 26). Mendieta morre mais de cem vezes: morre por seu país natal, pela violência às mulheres, morre de saudade. Separação e perda.

Tschäpe apropria-se da fotografia como forma de obter imagens e realizar seu trabalho, sem a necessidade de outros materiais (só uma mala com esculturas em látex) e nem de um local determinado (ateliê). Dessa forma, dá início à série *Hundred little deaths* "com o prolongamento do corpo no solo: a artista de costas para o espectador, como que querendo se mesclar ao chão de uma natureza ou paisagem" (BOUSSO, 2006, p. 13) e morre na areia, na ponte, no castelo, na escadaria, sempre solitária. Morrer não é mesmo um ato solitário? Janaina nos responde com sua poética.

Janaina Tschäpe e Ana Mendieta possuem destinos parecidos, passaram sua infância e adolescência no solo do local do qual sentiam fazer parte e pretendiam, talvez, nunca se distanciar. Tschäpe pensa em se fundir com a natureza e busca cem formas de fazer isso. "Havia uma auto reflexão sobre a minha cultura e a minha relação com os lugares" (MENAI, 2010).

Diz Mendieta:

Desde 1970 minha manifestação artística consiste num diálogo com o natural. É o meio que achei de tornar concretas as minhas raízes emocionais com a minha terra e também de conceitualizar minha cultura. Quando meus pais me enviaram para fora de Cuba em 1961, eu me senti arrancada do seio da minha pátria. Minha arte celebra a interconexão do mundo humano e material no plano da corporeidade, o renascer de anseios antiquíssimos como a promessa de um futuro melhor (SACCÁ, 2006).

A *body performance* ou a *earth body* como poética das duas artistas marcam o chão. Mendieta deita seu corpo em todo tipo de solo: areia, lama, terra, grama, vegetação rasteira, flores, pedras, água, e põe fogo para marcar o solo. Janaina também deixa sua marca nos lugares por onde viaja para realizar a série *Hundred little deaths*. Ela registra a *performance* e mostra ao mundo a pequena linha que separa vida e morte.

A presença da fotografia como resultado da *performance*, nas obras de Mendieta e Janaina Tschäpe, confirma a necessidade de empregar um meio antigo agora renovado, a possibilidade de novas possibilidades para a fotografia, não a do fotógrafo, mas a do artista fotógrafo, que busca um novo emprego para os meios. "o principal projeto da fotografia dos artistas não é reproduzir o visível, mas tornar visível alguma coisa do mundo" (ROUILLÉ, 2009, p. 287). Um sentimento latente nas obras das artistas em questão nos leva a refletir sobre a morte, sobre a vida, sobre as pequenas mortes diárias, às quais o ser humano está sujeito. O autor delinea o pensamento do artista fotógrafo, que, por meio da *performance*, se mostra como ele mesmo, como o personagem que representa, aquele que o público vê e o resultado em produção fotográfica.

Essas artistas falam de si próprias, e permitem que busquemos nossas identidades, falamos do mundo, da terra, das raízes que o ser humano cria, desde o nascimento, e falamos da dor, das perdas, bem como do encontro do corpo com a natureza. Por meio da angústia da perda realizamos sua obra poética

[...] no momento em que as mulheres usam o seu próprio corpo na arte, estão usando na verdade o seu próprio ser, fator psicológico da maior relevância, pois assim convertem o seu rosto e o seu corpo de objeto a sujeito (LIPPARD, 1985, p. 190).

Picture dialogue of a body

Abstract – Nowadays performance is renewed, and is able to distance itself from its fleeting condition through photography. It is the result of an action performed by an artist, with or without the presence of an audience, and that serves not only as a record of an action, but as a work, with all the necessary elements that confer this feature. In this article I seek a relation between sets of photos: "Silhouettes" by Ana Mendieta and "100 Little Deaths" by Janaina Tschäpe, and I aim to analyze the poetic appropriation of soil from each artist. The reasons which led them to perform this work are different but they start from the same essence: loss. We'll show here the dialogue between them and their works.

Keywords: performance, death, contemporary art, Ana Mendieta, Janaina Tschäpe.

REFERÊNCIAS

- BOUSSO, V. D. *Janaina Tschäpe*. São Paulo: Paço das Artes – Imprensa Oficial do Estado, 2006.
- LABRA, D. H. *O artista-personagem*. 2005. Dissertação (Mestrado em Artes)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- LAGNADO, L.; PEDROSA, A. (Ed.). *Como viver junto: guia*. 27ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal, 2006.
- LIPPARD, L. Ana Mendieta 1948-1985 (obituary). *Art in America*, v. 73, p. 190, nov. 1985.
- MENAI, T. *Bela sobre tela*. 2010. Disponível em: <http://www.taniamenai.com/folio/2010/01/a_bela_na_tela.html>. Acesso em: 3 nov. 2011.
- ROUILLÉ, A. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Editora SENAC, 2009.
- SACCÁ, L. *Corpo como experimento*. 2006. Disponível em: <http://memorial.org.br/revista-NossaAmerica/23/port/26-Corpo_como_experiencia.htm#>. Acesso em: 3 nov. 2011.
- SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VISO, O. *Unseen Mendieta*. Munique: Prestel Verlogue, 2008.